

**“Pandemia” de sessenta e oito: lutas e historicidades do movimento estudantil na
Universidade Federal de Santa Catarina**
*“Pandemic” of Sixties-Eight: Struggles and Historicities of the Student Movement at the
Federal University of Santa Catarina*

Júlia de Souza Resende¹

Resumo: O presente artigo objetiva trabalhar as atividades estudantis catarinenses a partir dos meses de março a junho do ano de 1968. Busca-se analisar as ações na militância dos estudantes da UFSC a partir de um ponto de vista historicista, rompendo com a simplificação macro de fatores globais e nacionais, que contextualizam as instabilidades políticas e o engajamento universitário. A partir da análise histórica contextual, usa-se o diálogo entre impressos do jornal O Estado, e as bibliografias de apoio para a corroboração de uma visão mais ampliada sobre os atos universitários do período.

Palavras-chave: Movimento estudantil; 1968; Ditadura Militar; UFSC.

Abstract: The present article aims to examine the student activities in Santa Catarina from March to June 1968. It seeks to analyze the actions of UFSC students’ militancy from a historicist perspective, breaking away from the macro simplification of global and national factors that contextualize political instabilities and university engagement—classified as a “university pandemic.” Based on contextual historical analysis, it employs the dialogue between printed issues of the newspaper O Estado and supporting bibliographies to corroborate a broader view of university actions during the dictatorial period.

Keywords: Student movement; 1968; Military Dictatorship; UFSC.

Introdução

O ano de 1968 é marcado como um período de explosões da juventude em seus mais variados contextos macros e micros². As instabilidades políticas em diversas partes do mundo, incluindo Europa, Estados Unidos e América Latina, levaram estudantes a saírem para as ruas em protesto contra as diversas instabilidades recorrentes às determinadas situações políticas de cada país.

Fato é que, independente dos pretextos dos continentes, a importância do papel dos jovens e das universidades na luta contra a repressão policial e as diversas contradições políticas se tornou indiscutível. Se na Europa muito se debatia sobre as mudanças nas normas e comportamentos sociais, o impacto nas relações de gênero, e educação e saúde reprodutiva

¹ Acadêmica do curso de graduação em História com habilitação em Bacharelado e Licenciatura da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: juliasouza1623@gmail.com

² NUNES, Alina. ZACCHI, Lara Lucena. 2016. P. 1.

através da Revolução Sexual³, no Brasil, estes concentravam suas lutas contra os diversos direitos civis, constitucionais e administrativos descontinuados no contexto ditatorial, já estabelecido no país há quatro anos.

As influências de sessenta e oito no mundo chegam nos jovens residentes de Florianópolis, os quais passam a se integrar no ativismo estudantil das universidades brasileiras, caracterizado pelo enfrentamento da extrema-direita, da violência e censura. O presente artigo busca mergulhar minuciosamente nos antecedentes e destrinchamentos sobre a rebelião após a eclosão no segundo trimestre de 1968 no Brasil, tendo Florianópolis, Santa Catarina, como principal objeto. Procura-se, ademais, corroborar com uma análise crítica à historiografia dos movimentos estudantis na Ditadura, acrescentando pontualidades carecidas na narrativa atual, e utilizando a UFSC como uma pesquisa de exemplo à quebra desse paradigma.

Para realização do trabalho, serão utilizados impressos de jornais sobre as atividades estudantis na UFSC, a fim de fazer um paralelo entre a fonte, bibliografias de apoio e interpretações para que haja uma elucidação completa sobre o ano de sessenta e oito no que diz respeito à luta universitária, numa perspectiva macro e micro.

A transparência desse viés de estudo condiz, sobretudo, com a problemática da memória de luta dos estudantes catarinenses no período ditatorial. Busca-se fazer um paralelo entre as ações internacionais, nacionais e estaduais, construindo um novo paradigma de narrativa, o qual, ao mesmo tempo em que explicita as ações estudantis em seu contexto particular, questiona-se até que ponto é de sua relevância. As lutas universitárias em sessenta e oito no Brasil, nas mais recentes interpretações, corrobora com a memória de “não aceitação da ordem vigente”, partindo da típica característica jovem pela ânsia de mudança e a busca do confronto, sem levar em conta as particularidades de cada estado, ou reduzi-los a uma ação romantizada aos sentimentos animalescos da juventude.

A perspectiva de um olhar de sessenta e oito voltados ao protagonismo estudantil nada há de inadequado; no entanto, como uma premissa de aprimoramento dos fatos, busca-se elevar a discussão através de sua relevância. Em suma, o presente artigo possui como principal enfoque a análise das ações estudantis catarinenses em 1968, abrangendo seus antecedentes, às particularidades do movimento. A partir daí, busca-se, além de ressaltar seus principais feitos,

³ BOZON, Michel. Sexualidade e conjugalidade: a redefinição das relações de gênero na França contemporânea, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/TGMxcsTRw96XHV9SN8jJLJz/?lang=pt&format=html#>.

corroborar para a construção e memória de um olhar ativo e crítico das ações desses estudantes, tal como suas interpretações.

Desenvolvimento

Sessenta e oito foi um período de grande agitação no Brasil. As medidas adotadas pelo governo militar, já instaurado há quatro anos no país, criaram um fluxo desconumal de insatisfação, fúria e anseio por mudança. Tanto as antigas quanto as novas interpretações a respeito das manifestações estudantis, no contexto macro e micro, consideram a morte de Edson Luís como o estopim para que o movimento universitário se organizasse radicalmente em ações contra a ordem vigente. Espontaneamente, o movimento ganha a força e o apoio dos demais acadêmicos, e desencadeia-se outras manifestações que expressassem o desagrado ao planejado desinteresse do Governo, e as necessidades civis, estruturais e estudantis.

Ainda assim, a generalização de antecedentes de um acontecimento significativo no país se torna reducionista e superficial. O período de sessenta e oito, partindo desde uma cidade, um estado, ou país, possui diversas avenças e desavenças em cada localidade; isto é, esquematizar à meras características que conectem cada uma dessas atividades a um único fator, seja para uma inocente simplificação na tentativa de esclarecer aspectos gerais nas manifestações no Brasil ou no mundo, faz com que, naturalmente, apague-se as particularidades dos protestos em cada universidade.

De fato, o ano de 1968 foi marcado pela revolta entre os jovens universitários na Europa, Estados Unidos e América Latina. Fato é que todos possuíam suas próprias contradições políticas e ideais que acreditavam o suficiente para lutar⁴.

A Revolução Sexual, a ascensão do movimento feminista, e as discussões sobre as discrepâncias do capitalismo eram discussões cada vez mais relevantes na Europa⁵. Nos Estados Unidos, o movimento negro ganhava força com o embasamento de Malcolm X⁶; e no Brasil, a repressão causada pelo governo ditatorial era o principal objeto da fúria e movimentação entre jovens universitários. Para Nunes e Zacchi (2016) no que diz respeito a uma contextualização macro, pode-se considerar que o palco das principais pautas e revoltas contra os sistemas políticos, sociais e culturais em todos os países se iniciou dentro da universidade.

⁴ CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. 1987, p. 86.

⁵ NUNES, Alina. ZACCHI, Lara Lucena. 2016. P. 5.

⁶ LIMA, Camila Peres. 2018, p. 02.

A América Latina, quase como um todo, enfrentava o terror da Ditadura Militar. Em 1968, o contraste entre a ação de governos opressores contra a reação da população tornou-se ainda mais evidente.

No México, a exemplo, estudantes eram mortos dentro da Universidade pela polícia mexicana em véspera de olimpíada⁷; no Brasil, além da censura e violência já recorrentes no cotidiano, ocorre o principal estímulo para a eclosão de protestos, o qual mudaria o rumo das manifestações contra o sistema vigente e, a grosso modo, incluiria a participação do Brasil para o histórico ano conturbado: no Rio de Janeiro, a Polícia Militar invade o restaurante “Calabouço”, atirando contra os estudantes, incluindo Edson Luís de Lima Souto⁸.

O assassinato do estudante sensibilizou o país e, na visão de Calavari (1987), serviu de exemplo para aqueles que se recusavam a enxergar a repressão policial como cúmplice do governo ditatorial. Sua figura se tornou presente nos estudos históricos a respeito da Ditadura, além de se tornar um símbolo de resistência. A família, naturalizada no Pará, não foi encontrada, e seu corpo foi velado num intenso clima de emoção e dor entre a população. Estima-se que cinquenta mil pessoas acompanharam o funeral⁹.

A notícia se espalhou rapidamente, e o cruel fim do estudante tornou-se de conhecimento público, incluindo universitários de todo o país.

A UFSC, de fato, participou ativamente das manifestações contra a morte de Edson Luís (e em outras palavras, da explosão de revoltas mundiais e nacionais características do ano). Ainda assim, compreende-se, seguindo a tese da “não generalização dos fatos” como um todo, sua notória “não-linearidade” em meio a esses acontecimentos.

A “pandemia” de sessenta e oito chega na Universidade Federal de Santa Catarina; contudo, não se pode reduzir as experiências desses estudantes catarinenses a uma simples inclusão de revolta em massa. De porte nacional ou internacional, as histórias de cada lugar devem explicitar suas particularidades.

Sendo assim, apesar da consideração da morte de Edson Luís - beirando os quatro anos do golpe militar – como o estopim para as manifestações estudantis em Florianópolis, é necessário explicitar outros antecedentes que levaram a esta eclosão. A tese de uma desconstrução da linearidade para observação de fatores micros, a partir daqui, torna-se, de

⁷ Ibidem, p.01

⁸ CAVALARI, Rosa Maria. 1987 p. 87.

⁹ MARTINS FILHO, João Roberto. 1996, p. 17.

repente, uma contradição, tendo em vista o necessário esclarecimento linear, dividido entre antecedentes, auges do movimento, e seus singulares desdobramentos.

A partir dessa elucidação, corrobora-se para uma visão real e pouco romantizada dos micros do movimento estudantil. A organização na UFSC, nos primeiros momentos após o golpe, foi completamente desestruturada:

“Na madrugada do golpe, a União Catarinense dos Estudantes (UCE) teve sua sede invadida e seus arquivos destruídos. Além disso, ainda em 1964, foi assinada a Lei Suplicy, que substituiu a UNE pelo Diretório Nacional dos Estudantes (DNE), as Uniões Estaduais pelos Diretórios Estaduais dos Estudantes, os Centros Acadêmicos pelos Diretórios Acadêmicos, além de criar o Diretório Central dos Estudantes (DCE). A partir da lei, esses órgãos eram proibidos de manifestarem-se a favor de greves ou de promoverem propaganda político partidária” (MORETTI, 1984, P. 88).

Após a instauração da Ditadura, vários estudantes catarinenses foram presos e processados mediante à instauração de inquéritos policiais, ou feitos pela própria faculdade¹⁰. E embora a morte de Edson Luiz tenha desencadeado uma mobilização significativa pelos estudantes da UFSC, o movimento estudantil sofreu diversos impasses para que a revolta e a organização se encontrassem novamente¹¹.

Esse período de instabilidade e incerteza como antecedente às explosões dos atos, ainda que indiscutivelmente característico, não pode ser apontado meramente como um comportamento temeroso por parte desses jovens. De fato, a Federal de Santa Catarina, diferente das universidades de outros estados, os quais se manifestaram contra a Lei No. 4.464, assumira, inicialmente, os termos impostos pelo regime.

Não se pode acusá-los de covardia, tampouco negar a hesitação nas demais universidades, bem como o medo como um sentimento inevitável ao estudante de determinada região ao lutar por seus direitos. No caso de Santa Catarina, segundo Moretti, a ação foi necessária para que a entidade máxima de representação estudantil não fosse dominada por direitistas nomeados pela Reitoria da Universidade¹².

¹⁰ MORETTI, Serenito A. 1984, p. 88.

¹¹ Ibidem, p. 88.

¹² Ibidem, p. 89.

Retrocedendo a 1965, ano em que os interesses do governo começaram a entrar em atrito com os estudantes da UFSC, o restaurante da UCE passa a sofrer cortes de verba. Dada à administração estudantil pelo estabelecimento, os órgãos federais aconselham as Universidades a tomar os locais.

A UCE recorre imediatamente à reitoria, para que os demais universitários não fossem privados do benefício do restaurante Diante da condição da administração ser feita pelos funcionários, a proposta é aceita¹³.

No entanto, as interferências policiais na organização estudantil não pararam; estes jovens percebiam a gradual e obrigatória transição organizacional dentro do movimento para o atendimento das vontades governamentais. Ainda nos antecedentes da explosão da juventude catarinense, em outubro do mesmo ano, as eleições do Centro Acadêmico XI de Fevereiro sofreram intervenção por policiais do DOPS¹⁴, os quais recolheram as urnas e classificaram o estudante da chapa única como “subversivo”¹⁵, corroborando para o enfraquecimento da organização estudantil dentro da Universidade em diversos pontos. Para o governo, não se tratava de combater diretamente os ideais universitários, mas tirar peça por peça, desestabilizá-los, enfraquecê-los lentamente, até que não houvesse organização estudantil suficiente; em outras palavras, até que os militares possuíssem o controle da inércia idealista, teórica e prática do movimento.

Embora o notório enfraquecimento, de instabilidades e oscilações, a rebelião jovem não fora completamente abatida. Em 1966, Atahualpa G. M. Passose reanimou o movimento estudantil ao ser eleito como presidente da UCE¹⁶. Em julho do mesmo ano, a UNE, clandestinamente, consegue realizar uma das mais importantes reuniões estudantis no período da Ditadura: o XXVIII Congresso, o qual contou com a participação de delegados catarinenses, em Belo Horizonte (MORETTI, 1984, p. 92). Apesar do andamento, as eleições de agosto para os Diretórios Acadêmicos e Centrais foram suspensas por falta de interesse dos alunos. Compreende-se que seus antecedentes foram as orientações para o boicote da Lei Suplicy – a qual limitava o funcionamento interno e externo dos órgãos de representação dos estudantes¹⁷

¹³ Ibidem, p. 90.

¹⁴ Ibidem, p. 91.

¹⁵ A Gazeta, 20 de outubro de 1965, p. 8.

¹⁶ MORETTI, Serenito A. 1984, p. 91.

¹⁷ Brasil, CPDOC-Centro de Pesquisa e Documentação História Contemporânea do Brasil. Consultado em 07 de julho de 2024.

“Pandemia” de sessenta e oito: lutas e historicidades do movimento estudantil na Universidade Federal de Santa Catarina – Júlia de Souza Resende

- e a repressão vigente em todas as faculdades sob essas lideranças¹⁸. Ainda assim, a insignificância das direções permaneceram nos anos de sessenta e seis e sessenta e sete.

Por outro lado, os acontecimentos decorrentes ao andamento do governo enchiam o campus de debates. O investimento do Estado contra os estudantes, o aperfeiçoamento da Lei Suplicy - o qual, no Decreto-Lei 288, consolida a implantação do Acordo MED-USAID e extingui o Diretório Nacional dos Estudantes¹⁹ -, e as suspeitas do desastre aéreo de Castelo Branco foram responsáveis pela radicalização das posições estudantis²⁰. A pauta foi levada para o XXIX Congresso Nacional, o qual foi responsável pela Carta Política da UNE. Nela, demandas como demandas de luta contra: acordo MEC-USAID, reforma e privatização das universidades, e tentativas do governo ditatorial em “esmagar” o movimento estudantil²¹.

José Santos em “A Universidade Federal de Santa Catarina e o Contexto Político de 1968” (2020) defende o significativo impacto de eventos nacionais e internacionais nas atividades estudantis da UFSC a partir desse boicote governamental. O autor aborda os impasses singulares dentro da faculdade florianopolitana e coloca os seguintes atos não como uma mera narrativa simplista de “união entre os universitários”, mas a dificuldade que estes passavam como estudantes, e como esses valores revolucionários dentro e fora do país inspiraram os alunos catarinenses a saírem de sua inércia e lutar por seus direitos, independente das ações dos militares.

A partir dessa epifania, após um período de oscilação e pessimismo popular, o movimento estudantil passa a ganhar forças novamente. Os antecedentes governamentais, a instabilidade política dentro dos órgãos estudantis, e a insegurança da verba e seus desdobramentos dentro da UFSC foram causas principais para a volta da radicalização de atos contra o regime.

O estopim se deu no dia 28 de março de 1968. O Calabouço, Restaurante Central dos Estudantes, foi invadido pela Polícia Militar enquanto jovens se organizavam para uma manifestação pela melhora no serviço e nas condições físicas do prédio. (VIEIRA, 2019 P. 285). A invasão culminou com a morte de Edson Luís, além de ferimentos de diversos estudantes. A respeito do estudante, pouco se sabia.

¹⁸ MORETTI, Serenito A. 1984, p. 92.

¹⁹ DECRETO-LEI Nº 288, DE 28 DE FEVEREIRO DE 1967.

²⁰ MORETTI, Serenito A. 1984, p. 94.

²¹ Ibidem. 1984, p. 95.

“Pandemia” de sessenta e oito: lutas e historicidades do movimento estudantil na Universidade Federal de Santa Catarina – Júlia de Souza Resende

Embora sua radicalização no movimento estudantil seja um mistério, Edson Luís foi “convertido imediatamente na vítima ideal para a mobilização contra a ditadura” (QUADRAT, 2023, P. 228). Reconhece-se, sob o limitado conhecimento historiográfico, as limitações financeiras do rapaz e a ação policial em considerá-lo uma ameaça.

A ação dos estudantes de todo país foi quase instantânea. Na UFSC, o DCE passa a noite fazendo folhetos (LUCA, 2016, P. 60) e, apesar de seu histórico de vacilações e acontecimentos não lineares, foi-se decretado greve por três dias entre os estudantes catarinenses:



Figura 1: Jornal “O Estado”, 31 de março de 1968.

Mesmo assim, nenhum aluno sofreu repressão durante o ato²². Esse fator ainda gera dúvidas nas interpretações historiográficas, considerando a contradição entre as ações governamentais em Florianópolis e das demais cidades populosas do Brasil. É certo, ainda, que os agentes dos órgãos públicos estavam preparados para qualquer ameaça estudantil.

O Governador do Estado, Ivo Silveira, defendia a utilização de gás lacrimogêneo e cassetetes em casos extremos para garantir a ordem²³, ao mesmo tempo em que o Secretário General, Paulo Weber Vieira da Rosa, interpretava o ato com certa romantização pelo “idealismo, disposição e a sinceridade dos jovens”²⁴.

As palavras do Governador “em caso extremo” demonstra uma possível despreocupação dos militares com essa manifestação em específico. Dessa maneira, o acontecimento se polariza em interpretações tanto de um ato mais brando em relação a outros estados, quanto à “falta de

²² MORETTI, Serenito A. 1984, p. 96.

²³ O ESTADO, 03 de março de 1968, p. 1.

²⁴ Ibidem, p. 1.

“Pandemia” de sessenta e oito: lutas e historicidades do movimento estudantil na Universidade Federal de Santa Catarina – Júlia de Souza Resende

vontade” das entidades em impedir o protesto estudantil. Outrossim, leva-se em análise os antecedentes nas atividades discentes da UFSC, incluindo as múltiplas instabilidades dentro do movimento e o expressivo enfraquecimento das atuações pelo proposital desvio do governo.

Seja qual for o verdadeiro motivo para o pacifismo entre os militares, os órgãos acadêmicos, uma vez engajados novamente com seus ideais, aproveitaram desses “pseudo imobilismos” para perpetuar confrontos que, além de garantir seus direitos como universitários, visavam cada vez mais desafiar o status quo.

O início dos protestos segue com outras rebeliões. Ainda no segundo trimestre de sessenta e oito, dado pelo preço exageradamente acima do índice de Florianópolis, o movimento grevista colocou em pauta os termos de Contrato de Locação, e estudantes exigiram a rescisão do alto valor de noventa e nove cruzeiros²⁵, nocivo para os cofres da universidade.

Para a devida análise dessa manifestação, deve-se atentar à subjetividade do movimento. Isto é, apesar da importante pauta que envolvia cerca de duzentos e cinquenta e seis estudantes, encontrava-se na greve a ativa demonstração de repúdio à retenção de verbas do Ministério da Educação, além da incessante luta pelo poder de decisão a fatores internos da Universidade (MORETTI, 1984, p. 98).

Após onze dias após a instauração da paralisação, os universitários passam a ocupar espaço na opinião pública:



Figura 2: Jornal O Estado, 31 de maio de 1968.

²⁵ MORETTI, Serenito A. 1984, p. 97.

Rapidamente, a pauta se torna o assunto mais comentado da cidade. Todos os envolvidos - incluindo o DCE, a reitoria, as moradias, e a casa do reitor - eram localizados no centro; sendo assim, as passeatas percorriam as ruas centrais, e os QG's do movimento eram instalados nos locais de maior aglomeração. Foram, entretanto, deslocadas para o campus da Trindade no dia da inauguração do edifício do Instituto de Antropologia da UFSC (ND MAIS, 2018).

A pressão popular leva o reitor a diminuir o preço da mensalidade; mas não o suficiente para arrefecer os ânimos dos jovens de sessenta e oito. Heitor Bittencourt Filho, presidente do DCE na época, reforça a procura desses estudantes pelo apoio popular e midiático da cidade. Em suas palavras “A população era simpática ao movimento. Havia uma insatisfação generalizada em relação à ditadura”²⁶.

Ana Carolina Ribeiro em “O Impacto da Ditadura Militar na UFSC: Entre a Repressão e a Resistência” (2018) explora essa dualidade entre oposição dos estudantes e a opressão dos militares. A juventude passa a subverter essas abordagens e construir um método que envolva a circunferência entre o apoio popular e jornalístico. No contexto, esse caráter se deu pela localização dos protestos, no centro da cidade, unindo-se com a utilidade de suas demandas.

As denúncias nesse ativismo que envolviam o reitor incluíam gastos, nepotismo e Daux. E apesar da conclusão entre os militares de não conveniência à substituição de cargo na Universidade, Ferreira Lima tivera seu nome fichado pelo SNI (Serviço Nacional de Informação).

A ação desses jovens no que diz respeito à luta prática por seus direitos colocou a greve em posição de êxito. Pelo barulho eloquente em lugares públicos e o apoio midiático, o reitor passou por processos burocráticos de investigação, incluindo a participação dos deputados do MDB, os quais abriram uma comissão especial para a investigação do caso.

Em suas interpretações sobre o período, Nunes e Zacchi defendem o papel da mídia como um fator de extremo poder, capaz de manipular ou reverter diversas situações políticas, e que no Brasil, a imprensa serve como elemento de manutenção dos interesses dominantes (NUNES, ZACCHI, 2016, p. 33). De fato, num aspecto geral, em quaisquer situações políticas, a imprensa possui um significativo poder na construção da opinião pública para a manutenção da ordem; no entanto, a exploração de acontecimentos micros evidenciam suas contradições, ainda que se tratando de um período caracterizado pela repressão e censura.

²⁶ Relatório final: Comissão Memória e Verdade Volume I, 2018, P. 252.

“Pandemia” de sessenta e oito: lutas e historicidades do movimento estudantil na Universidade Federal de Santa Catarina – Júlia de Souza Resende

Em outras palavras, ainda que de forma não-propositiva, toda notícia parte de um pressuposto, o qual, dentro do jornalismo, imagina-se uma possível reação ou opinião das massas. Mesmo tratando-se de uma “ingênua intenção de informar”, nem mesmo as autoridades poderiam burlar suas próprias contradições e disfarçar suas ações vergonhosas perante a mídia:



Figura 3: Jornal O Estado, 30 de maio de 1968.

Deputados como Genir Destri passaram a frequentar assembleias estudantis, e a relevância dos seguintes acontecimentos foram destacadas no jornal O Estado (ND MAIS, 2018). Em geral, a greve foi um sucesso e trouxe diversos direitos aos estudantes, entre esses: as verbas para a Universidade, a quebra da inflexibilidade da Reitoria, a conquista de rescisão de contrato e a adição de dois prédios para moradia estudantil²⁷.

O período entre março a junho de 1968 foi definido pelo ápice do engajamento estudantil em Florianópolis no que diz respeito à ação direta contra a ordem ditatorial. Porém, para Moretti (1984) “o otimismo foi exagerado e a realidade do estado de força voltou a vigorar no país”; meses depois, o regime endureceu suas normas, e os estudantes que ainda ousavam a se rebelar tornaram parte da estatística de perseguição e repressão militar.

Em meados de outubro, no período do XXX Congresso da UNE, a militância dos estudantes de Florianópolis se encerra por período indeterminado. O sítio sediado foi descoberto pelas autoridades locais, contendo cerca de oitocentos alunos, representantes de diversos estados brasileiros e, entre eles, doze catarinenses; todos presos e transportados para o presídio de Tiradentes²⁸. Ainda que a passeata realizada dois dias após a prisão dos

²⁷ MORETTI, Serenito A. 1984, p. 97.

²⁸ Ibidem, p. 98.

congressistas apressasse o processo de libertação, o movimento estudantil em Florianópolis apenas se reanimaria novamente onze anos depois, em mil novecentos e setenta e nove²⁹. Até lá, a população civil passaria por grandes períodos obscuros de maior repressão governamental.

Conclusões finais

O ano de 1968 foi marcado, sobretudo, pela insatisfação política e a ação direta contra autoridades conservadoras no Ocidente, Novo Ocidente, e em determinados países asiáticos. As discussões de rompimento com a ordem ocorriam nas Universidades, espaços de maior relevância intelectual e pragmática que uniam o aflorado senso crítico da juventude com sua sede de justiça. Apesar de uma visão padronizada nos estudos das lutas de sessenta e oito, é certo que cada país possui seu contexto social, político e econômico para suas insatisfações.

Pode-se, de fato, notar a padronização em determinadas demandas, variando desde o rompimento de valores conservadores, reformas democráticas na educação e política, melhores condições de trabalho, até a imposição ao autoritarismo imperialista como causador de conflitos e guerras (KURLANSKY, p. 1-10, 2004), no entanto, essas discussões necessitam da atenção necessária às suas particularidades.

No Brasil, as reformas democráticas na educação e política eram a principal pauta e necessidade. Uma vez influenciada pelas condições macros do mundo e da Ditadura, os estudantes da UFSC, ameaçados pelo baixo interesse dos militares e no boicote proposital às verbas e infraestrutura, despertam sua fúria contra o sistema vigente. Esses saem de sua inércia após inúmeros impasses internos dentro do movimento estudantil nos primeiros quatro anos ditatoriais e reerguem as atividades através da defesa de uma causa comum entre jovens universitários de todo o país: a morte de Edson Luís.

Ainda nas próximas semanas, o movimento estudantil catarinense se reuniu para discutir problemas internos dentro da Universidade, incluindo questões do Restaurante e do alto custo das moradias estudantis. Com seus ânimos à flor da pele, e seus ideais consolidados, os estudantes iniciam manifestações no centro da cidade. O apoio popular e midiático — presente no jornal O Estado — demonstra-se significativo o suficiente para o abrimento de uma vigorosa investigação do reitor João David Ferreira Lima, acusado de nepotismo e corrupção. Apesar de sua manutenção no cargo, os estudantes conseguem suas demandas, e a greve é vitoriosa.

²⁹ Ibidem, p. 99.

No entanto, ainda que o ativismo por seus ideais num curto período de tempo fosse relevante, o ano de sessenta e oito no Brasil é marcado, em dezembro, pelo AI-5. No ramo historiográfico, a influência desse mandato está significativamente vinculado com a onda de protestos civis e subversidade popular à ordem. Sendo assim, após o seu auge de sessenta e oito, o movimento estudantil em Florianópolis adormece, e é despertado novamente apenas em 1979, com uma união simbólica entre estudantes e trabalhadores já no fim do período ditatorial³⁰.

Em suma, o ano de sessenta e oito foi marcado pelo ativismo estudantil em diversas partes do mundo, sobretudo pelas tensões internacionais em detrimento da polarização política, e suas consequências micros em cada país. Esses acontecimentos inundaram a América Latina e os movimentos estudantis por todo o Brasil.

As atividades na Universidade Federal de Santa Catarina apresentam suas particularidades em determinado contexto, e a exploração em seus ideais, lutas, antecedentes e conquistas corroboram para a construção de uma narrativa abrangente, que destaque o protagonismo estudantil num período marcado pelos “anos de chumbo” (VENTURA, 1988) e paralelamente, reconheça seus impasses e hesitações dentro da irônica “pandemia” de ativismo estudantil.

A geração pós Segunda Guerra, a qual, ao mesmo tempo que estuda seu passado não distante, testemunha o retorno de ideais políticos repressores, mais uma vez desfavoráveis à vida, aos direitos civis e à liberdade de ir e vir. De fato, o movimento estudantil brasileiro nunca foi tão ativo quanto na década de sessenta, e pode-se justificar, além das recentes instabilidades políticas mundiais, o encontro desse passado próximo. A geração dos jovens estudantes de sessenta nasce com um diferente ponto de vista, a qual procura se desvincular com as filosofias políticas dos anos trinta e quarenta.

Referências Bibliográficas

NUNES, Alina; ZACCHI, Lara Lucena. **Maio de 1968: juventude, movimento estudantil e imprensa em Florianópolis e Paris**. Revista Santa Catarina em História, v. 15, n. 3, p. XX-XX, ano. Disponível em: . Acesso em: 23 ago. 2024.

CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. **Os limites do movimento estudantil: 1964-1980**. São Paulo, Campinas, 1987.

MARTINS FILHO, João Roberto. **Rebelião Estudantil: México, França e Brasil**. Campinas: Mercado das Letras, 1996.

³⁰ MORETTI, Serenito A. 1984, p. 99.

MORETTI, Serenito A. **Movimento Estudantil na Ditadura Militar**. Florianópolis: UDESC CCE, 1984.

VIEIRA, Leyliane Alves. **Memórias e disputas: o caso Edson Luís e a memória de 1968**. 2019.

QUADRAT, Samantha Viz. **Memórias da ditadura e da resistência no centro da cidade do Rio de Janeiro**. 2023.

SANTOS, Marcelo José. **A Universidade Federal de Santa Catarina e o Contexto Político de 1968**. Universidade Federal de Santa Catarina, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/>. Acesso em: 11 ago. 2024.

VARGAS, Mateus. **Dossiê UFSC: as ações da ditadura na Universidade Federal de Santa Catarina**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo), Universidade Federal de Santa Catarina, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/166377>. Acesso em: 21 dez. 2024.

BRASIL. **Relatório final: Comissão Memória e Verdade, volume I. Brasília: Serviço Público Federal, 2018**. Disponível em: <https://www.gov.br/memoriasreveladas/pt-br/assuntos/comissoes-da-verdade/universitarias/UFSC.pdf>. Acesso em: 21 dez. 2024.

RIBEIRO, Ana Carolina. **O impacto da ditadura militar na UFSC: entre a repressão e a resistência**. Universidade Federal de Santa Catarina, 2018. Acesso em: 08 ago. 2024.

LOTH, Laura. **Maio de 1968: estudantes da UFSC em Florianópolis confrontam reitoria e foram às ruas**. *ND Mais*, s.d., 2018. Disponível em: <https://ndmais.com.br/noticias/maio-de-1968-estudantes-da-ufsc-em-florianopolis-confrontaram-reitoria-e-foram-as-ruas/>. Acesso em: 21 dez. 2024.

KURLANSKY, Mark. **1968: The Year That Rocked the World**. Ballantine Books, 2004.

VENTURA, Zuenir. **1968: O Ano que Não Terminou**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

Fontes utilizadas:

O ESTADO, 31 de março de 1968.

O ESTADO, 31 de maio de 1968.

A Gazeta, 20 de outubro de 1965, p. 8.

DECRETO-LEI N° 288, de 28 de fevereiro de 1967.

Carta político da UNF, in *Momorex Elements..op.*, cit., sp.

O ESTADO, 03 de março de 1968, p. 1.

“Pandemia” de sessenta e oito: lutas e historicidades do movimento estudantil na Universidade Federal de Santa Catarina – Júlia de Souza Resende